



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14592369>

e-ISSN: 2177-8183

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: FIGURAS DE AUTORIDADE E
TIPOS DE PERSONALIDADE**

***SCHOOL VIOLENCE: AUTHORITY FIGURES AND
PERSONALITY TYPES***

***VIOLENCIA ESCOLAR: FIGURAS DE AUTORIDAD Y
TIPOS DE PERSONALIDAD***

José Leon Crochick

jlchna@usp.br

Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP)
Professor Sênior do Instituto de Psicologia (USP)
Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq (Processo 306916/2022-3)

Branca Maria de Meneses

brancameneses@yahoo.com.br

Doutora em Psicologia Social (PUC-SP)
Docente na Faculdade de Ciências Humanas (UFMS)

Dulce Regina dos Santos Pedrossian

drsp@terra.com.br

Doutora em Psicologia Social (PUC-SP)
Professora colaboradora aposentada (UFMS)

Rejane de Aquino Souza

rejane.aquino-souza@ufms.br

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP)
Docente no Campus de Aquidauana (UFMS)

Angelo Luiz Ferro

angelolferro@gmail.com

Mestre em Psicologia (UFMS) e doutorando em Psicologia Clínica (PUC-Rio)
Coordenador do Curso de Psicologia (Toledo Prudente Centro Universitário)

RESUMO

Os objetivos da pesquisa relatada são: 1- verificar se tipos de personalidade se diferenciam quanto à forma de violência escolar; e 2- se tipos de personalidades se diferenciam em relação à obediência à autoridade escolar. A pesquisa foi realizada em três escolas particulares de Campo Grande (MS). A Teoria Crítica da Sociedade referenda o mencionado estudo, que teve como participantes 172 alunos do nono ano do ensino fundamental: 87 do sexo feminino e 85 do sexo masculino. Os instrumentos utilizados foram a Escala do Fascismo, a Escala de Autonomia frente à Autoridade Escolar, a Escala de Manifestação de Preconceito, e a Escala de Autoindicação de *Bullying*. Verificou-se que os participantes que se caracterizam mais como sadomasoquistas tiveram maior submissão à autoridade e desejo de punição a quem infringe regras, e os que se caracterizam mais por ser psicopatas ou manipuladores tendem à negação da autoridade escolar. Os mais sadomasoquistas tendem a discriminar mais os considerados maus alunos, não havendo essa diferença em relação a nenhum dos tipos de preconceito avaliados entre os que podem ser considerados como mais psicopatas ou manipuladores. Outro resultado foi a comprovação de que os sujeitos que apresentaram um ego mais frágil praticam mais o *bullying* do que os que podem ser caracterizados como menos psicopatas ou manipuladores. Assim, pode-se afirmar que enquanto o preconceito aproxima-se mais do tipo autoritário, o *bullying* aproxima-se mais do tipo manipulador/psicopata e apresenta maior negação da autoridade. Nesse sentido, caberia se pensar formas distintas de enfrentar o *bullying* e a discriminação decorrente do preconceito, uma vez que são associados com diferentes necessidades psíquicas. Para enfrentar esse tipo de violência, ao final do artigo, são apresentadas propostas referentes à educação inclusiva para fortalecer a convivência entre pessoas com diversas características, e uma atenção especial, por parte dos educadores, para os estudantes que tenham mais dificuldades no aprendizado, para que, alguns deles, não procurem se destacar por meio da agressão.

Palavras-chave: Violência escolar. Autoridade. Tipos de personalidade.

ABSTRACT

The objectives of the research reported was: 1- to verify whether personality types differ in terms of the form of school violence; and 2- if personality types differ in relation to obedience to school authority. The research was developed in three private schools

in Campo Grande (MS). The Critical Theory of Society endorses this study, which had 172 students from the ninth year of elementary school as participants: 87 female and 85 male. The instruments used were the Fascism Scale, the Scale of Autonomy in relation to School Authority, the Scale of Manifestation of Prejudice, and the Bullying Self-Indication Scale. It was found that participants who are more characterized as sadomasochists had greater submission to authority and desire to punish those who break rules, and those who are more characterized as psychopaths or manipulators tend to deny school authority. The more sadomasochistic ones tend to discriminate more against those considered to be bad students, with no difference in relation to any of the types of prejudice evaluated among those who can be considered more psychopaths or manipulators. Another result was the confirmation that the subjects who presented a more fragile ego, who practiced bullying more than those who could be characterized as less psychopathic or manipulative. Thus, it can be said that while prejudice is closer to the authoritarian type, bullying is closer to the manipulative/psychopath type and presents greater denial of authority. In this sense, it would be appropriate to think of different ways of facing bullying and discrimination resulting from prejudice, since they are associated with different psychic needs. To combat this type of violence, at the end of the article, some proposals are presented regarding inclusive education to strengthen coexistence between people with different characteristics, and special attention, on the part of educators, for students who have more difficulties in learning, so that some of them do not seek to stand out through aggression.

Keywords: School violence. Authority. Personality types.

RESUMEN

Los objetivos de la investigación relatada fueron: 1- verificar si los tipos de personalidad difieren en cuanto a la forma de violencia escolar; y 2- si los tipos de personalidad difieren en relación con la obediencia a la autoridad escolar. La investigación se llevó a cabo en tres escuelas privadas de Campo Grande (MS). La Teoría Crítica de la Sociedad fue la base del citado estudio, que tuvo como participantes a 172 estudiantes del noveno año de la enseñanza básica: 87 del sexo femenino y 85 del masculino. Los instrumentos utilizados fueron la Escala de Fascismo, la Escala de Autonomía frente a la Autoridad Escolar, la Escala de Manifestación de Prejuicio, y la Escala de Autoindicación de Bullying. Se encontró que los participantes más caracterizados como sadomasoquistas tenían mayor sumisión a la autoridad y deseo de castigar a los que incumplen las reglas, y los más

caracterizados como psicópatas o manipuladores tienden a negar la autoridad escolar. Los más sadomasoquistas tienden a discriminar más a los considerados malos alumnos, sin diferenciarse en relación con ninguno de los tipos de prejuicio evaluados entre los que pueden ser considerados más psicópatas o manipuladores. Otro resultado fue la confirmación de que los sujetos que presentaban un yo más frágil, que practicaban bullying más que los que podían caracterizarse como menos psicopático o manipulador. Así, se puede decir que mientras el prejuicio se acerca más al tipo autoritario, el bullying se acerca más al tipo manipulador/psicópata y presenta una mayor negación de la autoridad. En este sentido, sería oportuno pensar en diferentes formas de afrontar el acoso y la discriminación derivados de los prejuicios, ya que se asocian a diferentes necesidades psíquicas. Para combatir este tipo de violencia, al final del artículo se presentan propuestas en materia de educación inclusiva para fortalecer la convivencia entre personas con características diferentes, y una atención especial, por parte de los educadores, al alumnado que tiene más dificultades en el aprendizaje, para que algunos de ellos no busques destacar a través de la agresión.

Palabras clave: Violencia escolar. Autoridad. Tipos de personalidad.

INTRODUÇÃO

Este escrito tem a finalidade de apresentar dados da pesquisa “Violência escolar: discriminação, *bullying* e responsabilidade¹”, que foi desenvolvida na cidade de Campo Grande (MS) e concluída em 2020. Ao ter como base estudos da Teoria Crítica da Sociedade, a questão que se coloca é a relação entre tipos de personalidade² e as formas de violência escolar – em particular o preconceito e o

¹O Projeto, que resultou na execução da referida pesquisa, foi elaborado por Crochick e Crochick (2017), desenvolvido em São Paulo e em diferentes instituições de ensino superior, nacionais e internacionais, de modo que foram mantidos os mesmos procedimentos teórico-metodológicos. O Projeto de Pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Protocolo de Pesquisa Nº 066/2011.

²Personalidade, concebida aqui, como “[...] uma organização de forças mais ou menos duradouras no interior do indivíduo. Essas forças persistentes da personalidade ajudam a determinar a resposta em várias situações e, portanto, é em grande medida a elas que se deve atribuir a consistência do comportamento – seja verbal ou físico. Mas o comportamento, mesmo quando consistente, não é a

bullying –, e como essa relação consolida-se no componente “obediência ou negação irrestritas da autoridade” no ambiente escolar a partir de análise de questionários aplicados a estudantes do nono ano do ensino fundamental de escolas particulares. Para tal, foi desenvolvido um estudo empírico que permitiu, por vias analíticas, verificar o proposto mediante o que se encontra subjacente nas atitudes e ações dos sujeitos da pesquisa.

De acordo com Chaves e Souza (2018), a violência no ambiente escolar não é apenas considerada um problema complexo e grave, como também se corporifica no *bullying* – termo de origem inglesa – e sua estreita relação com o preconceito. O *bullying* consiste no emprego de violência psicológica e física, de forma intencional, e ocorre não só em vários ambientes de interação social – como escolas (mais estudado), presídios, ambientes de trabalho, condomínios residenciais –, como também envolve sujeitos de distintas idades. Quanto ao preconceito, Horkheimer e Adorno (1973, p. 173-174) advertem para a ligação nos indivíduos entre ideologia política e características psíquicas dos que se tornam receptivos a atitudes de caráter autoritário: “A investigação sobre o preconceito tende a reconhecer a participação do momento psicológico nesse processo dinâmico em que operam a sociedade e o indivíduo”. Importante destacar que, assim como esses autores, nesta pesquisa, os conceitos de tipos psicológicos e de personalidade não são considerados como algo que deva estigmatizar as pessoas, mas estruturas individuais que se formam pelas experiências, mediadas socialmente, e por essas podem ser alteradas ou não, o que implica a sobredeterminação da sociedade sobre as características a serem desenvolvidas pelas pessoas.

mesma coisa que a personalidade; a personalidade permanece ‘por detrás’ do comportamento e ‘dentro’ do indivíduo” (Adorno, 2019, p. 78-79, grifos do autor).

Crochick (2023), a partir de Krech, Crutchfield e Ballachey (1975), afirma que o preconceito constitui uma atitude e que se caracteriza por três dimensões:

- 1- cognitiva: diz respeito a estereótipos e, também, a argumentos elaborados que o favoreçam, uns e outros desenvolvidos por intermédio de uma ideologia que os contém e que justifica o preconceito mediante atitudes discriminatórias para quem o desenvolve. Trata-se de projeção de medos, expectativas, desejos sobre seus alvos;
- 2- afetiva: direcionada contra o alvo que passa a ser desprezado, exageradamente protegido, ou ainda que gere indiferença em relação a ele;
- 3- disposição para a ação: segue as dimensões afetivas e cognitivas por meio de duas formas de discriminação: marginalização (consiste em incorporar o alvo da discriminação, porém não o considera efetivamente membro do grupo, a ponto de se apropriar dos estereótipos e do afeto como forma de protegê-lo) e segregação (implica considerar o alvo do preconceito externo ao grupo, com predomínio da indiferença e da hostilidade):

Quanto à especificidade do alvo, Adorno *et al.* (1950) e Crochick (2004) mostram que quem tende a ter preconceito em relação a determinado alvo tende também a tê-lo em relação a vários outros. Isso não implica que não haja estereótipos, e assim peculiaridades relativas a cada um dos alvos, mas que há uma tendência a agrupar pessoas e agir de forma não espontânea em relação a elas (Crochick, 2015, p. 33).

Pelo fato de o *bullying* ser concebido de modo inapropriado como parte do desenvolvimento e como algo já existente nas escolas de modo geral, Chaves e Souza (2018), com base em estudos de Fante (2005) e de Pereira (2008), observam que esse fenômeno corre o risco de ser naturalizado.

Chaves e Souza (2018) indicam que alguns alunos se referem a atributos externos que as vítimas possuem, a exemplo de uso de óculos corretivos, obesidade,

cabelos ruivos. Mas, acima de tudo, o *bullying* pode ser considerado um modo de abuso direto (agressões verbais e físicas) e indireto (espalhar rumores ou excluir alguém de modo intencional) por acontecer até mesmo sem provocação aparente do sujeito que sofre as agressões. Caracteriza-se pelos seguintes elementos: comportamentos agressivos repetitivos com vistas a provocar danos de modo intencional e é uma relação interpessoal caracterizada pelo desequilíbrio de poder e necessidade de dominação. Destacam-se os papéis de agressor e de vítima. A vítima pode ser provocadora (comportamentos agressivos e ansiedade) ou passiva (tímida, solitária, quieta, baixa autoestima), e somente ela é alvo de agressão iniciada pelo agressor. Haveria, também, as pessoas que testemunham o *bullying*, outros são atuantes e participantes e procuram se distanciar por sentirem temor de serem as próximas vítimas.

Os autores em questão destacam que os efeitos do *bullying* tanto para as vítimas quanto para os agressores são impresumíveis:

Em curto prazo, pode-se considerar que a vítima apresente insônia, reações psicossomáticas, pensamentos depreciativos e dificuldades na interação com demais colegas. Em longo prazo, a vítima pode apresentar dificuldade em se relacionar com outras pessoas e as ações que experienciou podem influenciar no surgimento de quadros depressivos e, possivelmente, levar ao suicídio. Com relação ao agressor, pode haver em curto prazo a consolidação de uma conduta autoritária que implicará consequências mais adiante, como dificuldades de relacionamento em virtude de um histórico de comportamentos agressivos. Ao longo da vida, o agressor também se pode tornar propenso a cometer atos infracionais. Quanto aos demais envolvidos, é possível que desenvolvam problemas de relacionamento interpessoal no decorrer da vida, mesmo que não tenham tido participação ativa nas agressões (Chaves; Souza, 2018, p. 5, grifo nosso).

No que se refere à consolidação de uma conduta autoritária, Costa (2019) explica que o autoritarismo sustenta profundas relações com o ambiente cultural geral da forma capitalista de organização socioeconômica. Adorno (2000, 2008 e 2019), em

conjunto com Horkheimer (1985), nesses seus estudos sobre a personalidade, analisam as contradições psíquicas dos sujeitos de suas pesquisas, reflexos das fraturas do todo social capitalista em espaços democráticos. Para Costa (2019, p. 18-19): “O intuito de Horkheimer ao propor tão amplas pesquisas em torno do preconceito era comprovar que o antissemitismo compõe um padrão de comportamento antidemocrático”.

Adorno (2019) aproxima o antissemitismo do fascismo e de atitudes antidemocráticas, por meio da Escala do Fascismo (Escala F) feita em conjunto com outros pesquisadores da Universidade de Berkeley, nos anos 1940, cujos itens presentes possibilitam não somente que o sujeito expresse atitudes preconceituosas, como também conserve a impressão de ser considerado democrático. E sublinha:

[...] a necessidade de que a ciência forneça armas contra a potencial ameaça que representa a mentalidade fascista. [...]. O “tratamento” psicológico de pessoas preconceituosas é problemático por causa de seu grande número, bem como porque elas não estão de modo algum “doentes”, no sentido usual, e [...], pelo menos no nível superficial costumam ser frequentemente ainda mais bem “ajustadas” do que as não preconceituosas (Adorno, 2019, p. 524, grifos do autor).

Na compreensão de Silva (2015, p. 36):

A institucionalização da barbárie, diabolicamente aperfeiçoada pelos regimes brutalmente contrários à preservação da humanidade, os quais assombraram a humanidade na primeira metade do século XX, criou as bases espirituais para que a racionalidade técnico-administrativa desenvolvesse sua inclinação regressiva, ou seja, a irracionalidade de seus fins calcados no princípio da dominação, e se infiltrasse nas instituições sociais democráticas. A destruição da individualidade já posta em processo pelo capitalismo monopolista, intensificada ao extremo pelo nazifascismo, foi aprimorada com o auxílio da racionalidade instrumental; atualmente, com a consumação da sociedade administrada, dotada de um amplo aparato de controle técnico-burocrático dos mais diversos aspectos da vida. Tal racionalidade apresenta-se imbricada nas instituições sociais formalmente democráticas, que não se preocupam com dissimulá-la.

Adorno (2000) elucida que sua geração experimentou a derrocada da humanidade à barbárie. Afirma ser restringida, também pela escola, a perspectiva de transformar os pressupostos sociais objetivos, que determinaram essa regressão, pois, sempre que a sociedade promove a barbárie, a escola tem mínimas condições de resistir a isso. Torna-se necessária uma educação dos educadores e o fortalecimento de pesquisas. A escola também necessita libertar-se dos tabus, que, na sua compreensão, constituem sedimentações coletivas de representações pré-conscientes ou inconscientes que se mantêm com muita persistência como preconceitos que retrocedem sobre a realidade transformando-se em forças reais.

O autor argumenta que o nazismo, que insuflou o narcisismo coletivo, deixou marcas na década de 1960, pois Auschwitz representa não somente o genocídio em um campo de extermínio, simboliza a calamidade da formação individual que sustenta o fascismo na sociedade. A questão de uma humanidade sem memória, o ocorrido no passado como algo inocente, trazem como consequências a negação da experiência, da história, e o culto à adaptação na realidade estabelecida. Pois, as dificuldades em modificar a realidade social ficam limitadas ao sujeito que abdica da análise da totalidade (Adorno, 2000).

Cabe ressaltar a complementação de Adorno (2000) ao afirmar que a estrutura da personalidade autoritária diz respeito a traços como pensar de acordo com as dimensões do poder – paralisia, impotência e incapacidade de reagir, conformismo, comportamento convencional, falta de autorreflexão e de aptidão à experiência. Os indivíduos identificam-se ao poder, à totalidade e aos grandes coletivos como um modo de compensação, pois dispõem de um ego frágil. Nesse sentido, o delírio coletivo, a exemplo do antissemitismo, caracteriza-se pelo ódio contra tudo o que é diferente e as pessoas conseguem sobreviver quando renunciam ao seu próprio “eu” e se identificam com a situação existente.

Assim sendo, o mecanismo da identificação tem grande importância, pois o “eu” constitui-se por meio das identificações que os indivíduos estabelecem entre si, e, com isso, diferenciam-se. No entanto, como Adorno (2015a, p. 52) afirmou: “[...] não apenas o indivíduo, mas a própria categoria de individualidade são produto da sociedade”, de modo que a totalidade social, quando organizada a partir da irracionalidade, não fornece meios para que o indivíduo se constitua com um “eu” forte e a indiferenciação passa a se sobrepor à diferenciação. Dito de outro modo: “[...] em uma sociedade irracional, o ‘eu’ não consegue de forma alguma satisfazer adequadamente a função que lhe é atribuída por tal sociedade” (Adorno, 2015b, p. 108, grifo nosso). Com isso, à medida que os indivíduos em vez de estarem se identificando entre si, identificam-se com o todo social, tendem a reproduzir os tipos de configurações psíquicas demandados e facilmente se adaptam.

A adaptação dos sujeitos à figura de autoridade requer pensar acerca da constituição da autonomia do indivíduo. Adorno (2000), em diálogo com Becker, postula que o conceito de autoridade adquire seu significado no âmbito social em que se apresenta:

O modo pelo qual – falando psicologicamente – nos convertemos em um ser autônomo, e portanto emancipado, não reside simplesmente no protesto contra qualquer tipo de autoridade. Investigações empíricas [...] revelaram justamente o contrário, ou seja, que as crianças chamadas comportadas tornaram-se pessoas autônomas e com opiniões próprias antes das crianças refratárias [...]. É o processo – que Freud denominou como o desenvolvimento normal – pelo qual as crianças em geral se identificam com uma figura de pai, portanto, com uma autoridade, interiorizando-a, apropriando-a, para então ficar sabendo, por um processo sempre muito doloroso e marcante, que o pai, a figura paterna, não corresponde ao “eu” ideal que aprenderam dele, libertando-se assim do mesmo e tornando-se, precisamente por essa via, pessoas emancipadas (Adorno, 2000, p. 176-177, grifo nosso).

Conforme observa Becker, há necessidade de se romper com a autoridade, mas a questão da identidade não é possível sem que haja o encontro com essa autoridade. Exemplifica o professor autoritário, que propicia um afastamento dos alunos, bem como favorece uma ilusória emancipação com conseqüente dependência de um aparato de manipulações determinadas a partir do exterior, identificadas por Adorno (2000) como heteronomia.

Mas, como esclarecem Horkheimer e Adorno (1973, p. 180-181, grifo dos autores):

[...] a formação de juízos estereotipados não é privilégio do caráter preconceituoso, mas, com frequência, revela-se também nos caracteres livres de preconceitos, entre os quais também se configurou nitidamente a existência de um tipo “rígido”.

Verifica-se, nos termos de Adorno (2000), a presença da consciência coisificada ao se impor como algo absoluto o que existe de uma certa maneira, de modo ser preciso averiguar igualmente sua relação ambígua com a técnica:

[...] é certo que todas as épocas produzem as personalidades – tipos de distribuição psíquica – de que necessitam socialmente. Um mundo em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente, gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica. Isto tem a sua racionalidade boa: em seu plano mais restrito elas serão menos influenciáveis, com as correspondentes conseqüências no plano geral. Por outro lado, na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patológico. Isto se veicula ao “véu tecnológico”. Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. Os meios – e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana – são fetichizados, porque os fins – uma vida humana digna – encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas (Adorno, 2000, p. 132-133, grifo do autor).

Nesse sentido, Adorno (2000) defende não apenas ser preciso objetar-se a uma tal falta de consciência, como também evitar que as pessoas lanceiam para os lados sem pensar a respeito de si mesmas. Acresce que a educação ganha sentido

somente como educação orientada a uma autorreflexão crítica, e, como todo o caráter forma-se na primeira infância – incluindo as pessoas que praticam crimes –, a educação que tem como finalidade evitar a repetição necessita concentrar-se na primeira infância.

A adesão à autoridade pode ser também explicada, nos termos de Adorno (2019), pelo fato de o indivíduo considerado antidemocrático ter de aceitar inúmeras interdições impostas externamente à satisfação de suas necessidades, de sorte que passa a acolher poderosos impulsos agressivos subjacentes. Por seu lado, a mencionada negação da autoridade se explica pela objeção à introspecção e na ênfase exagerada no suposto poder do “eu”. O autor ilustra que o indivíduo “A fim de alcançar a ‘internalização’ do controle social, que nunca dá ao indivíduo tanto quanto dele tira, a atitude deste último em relação à autoridade e à sua agência psicológica, o ‘supereu’, assume um aspecto irracional” (Adorno, 2019, p. 544, grifo do autor, grifo nosso). Assim:

O sujeito alcança seu próprio ajuste social apenas sentindo prazer na obediência e na subordinação. Isso traz à tona a estrutura de impulsos sadomasoquistas, tanto como condição quanto como resultado do ajuste social. Em nossa forma de sociedade, as tendências sádicas, assim como as tendências masoquistas, realmente encontram uma gratificação (Adorno, 2019, p. 544).

Nesse sentido, para o autor, a submissão autoritária favorece, portanto, o potencial antidemocrático à medida que o indivíduo fica receptivo à manipulação pelas forças externas. O autoritário, diante de necessidade interna, direciona sua agressão contra *outgroups* porque não se acha capaz psicologicamente de atacar as autoridades de seu próprio *ingroup* e não devido à confusão intelectual diante de sua fonte de frustração (Adorno, 2019).

Pode-se questionar que tipos de personalidade se aproximam do *bullying* e do preconceito. Adorno (2019) ratifica que existem razões para a identificação de tipos psicológicos porque a realidade que se vive tem tipificado e produzido diversos tipos de pessoas. Ao se procurar traços estereotipados nos indivíduos, e não negligenciar sua existência, pode-se desafiar a disposição nefasta à classificação. Nesse sentido, uma tipologia pode servir para identificar a rigidez socialmente proporcionada aos indivíduos; em vez de somente criticar a estigmatização da tipologia, o que é importante, essa pode servir para indicar os que agem de forma estereotipada.

Nos tipos convencional e autoritário, o sadismo e o masoquismo estão intrinsecamente relacionados:

O indivíduo que foi forçado a renunciar aos prazeres elementares e a viver sob um sistema de rígidas restrições, e que, portanto, se sente sobrecarregado provavelmente não apenas buscará um objeto sobre o qual possa “descarregar”, mas também fica particularmente irritado com a ideia de que outra pessoa está “se safando de algo”. Assim, pode-se dizer que a presente variável representa o componente sádico do autoritarismo, assim como a imediatamente anterior representa seu componente masoquista. É de se esperar, portanto, que o convencionalista que não consegue fazer qualquer crítica real à autoridade aceita tenha o desejo de condenar, rejeitar e punir aqueles que violam esses valores (Adorno, 2019, p. 142-143, grifos do autor).

Vale a pena destacar que Adorno (2019) acresce que o tipo autoritário, conduzido pelo “supereu”, tem que lidar permanentemente com fortes disposições ambivalentes do “isso”. Ao não ocorrer a integração do “supereu” consigo mesmo, o “eu” enfraquece e se expressa na incapacidade de constituir valores morais. “[...] a fraqueza do ‘eu’ seria expressa de maneira bastante direta em fenômenos como a oposição à introspecção, a superstição e estereotipia, além da ênfase exagerada no ‘eu’ e em sua suposta força” (Adorno, 2019, p. 147, grifos nossos).

No tipo “durão”, ganham prioridades as disposições reprimidas do “isso”, porém de um modo destrutivo e deformado:

O representante extremo dessa síndrome [delinquente] é o “Durão”; na terminologia psiquiátrica, o “Psicopata”. [...]. Esses indivíduos são os mais “infantis” de todos: eles falharam completamente em “se desenvolver”, não foram de jeito algum moldados pela civilização. São “associais”. Os anseios [urges] destrutivos vêm à tona de maneira explícita e não racionalizada. [...]. A fronteira entre eles e o criminoso é fluida. Sua indulgência com a perseguição é cruamente sádica, dirigida contra qualquer vítima indefesa; é inespecífica e mal matizada pelo “preconceito” (Adorno, 2019, p. 553, grifos do autor).

No que diz respeito ao tipo “manipulador”, Adorno (2019) considera como a síndrome mais perigosa por ser definida pela extrema estereotipia:

[...] noções rígidas tornam-se fins e não meios e o mundo inteiro é dividido em campos administrativos, vazios e esquemáticos. Há uma quase completa falta de investimento objetal e de laços afetivos. [...]. No entanto, a ruptura entre o mundo interno e o externo, nesse caso, não resulta em algo como uma “introversão” comum, mas, pelo contrário: em uma espécie de super-realismo compulsivo que trata tudo e todos como um objeto a ser utilizado, manipulado, apreendido pelos próprios padrões teóricos e práticos do sujeito (Adorno, 2019, p. 561, grifo do autor).

Cabe destacar que Crochick (2019) ratifica que quanto mais a totalidade social se desenvolve tecnicamente, menos os sujeitos se diferenciam. Explica que, com as transformações na estrutura da sociedade, caracterizada notadamente pela passagem do capitalismo mercantilista para o de monopólios, não apenas a estrutura da personalidade preconceituosa se alterna, como também se torna menos desenvolvida. Assim, se no período monopolista, com o atrofiamento da consciência, a fragilidade do “eu” passa a preponderar e o narcisismo tem mais espaço, no período liberal eram mais frequentes os neuróticos obsessivos e histéricos descritos por Freud:

Dos tipos de personalidade autoritária analisados por Adorno *et al.* [...], podemos distinguir entre os que têm a ambivalência de sentimentos frente à autoridade como base de seus preconceitos, do que resultam tendências sadomasoquistas, e aquele que é considerado o mais perigoso: o

manipulador, que ainda que tenha traços do caráter anal, tais como descritos pela psicanálise, apresenta extremo narcisismo, superficialidade e vacuidade, tendo prazer em manipular objetos, entre os quais inclui as pessoas, para ser eficiente. [...]. Assim, entre as personalidades autoritárias, podemos inferir que há aquelas mais próximas do que seria o indivíduo preconceituoso – tipo autoritário e tipo delinquente –, e um tipo de personalidade mais regredida psicologicamente – tipo manipulador –, cujas necessidades seriam menos elaboradas pelo indivíduo do que o preconceituoso, e que não delimitaria alvos específicos de seu afeto, mas a necessidade de sua destruição com crueldade, o que julgamos próximo ao que ocorre com os autores do *bullying* (Crochick, 2019, p. 3).

Portanto, o desenvolvimento psíquico indica maior relação com objetos específicos; assim, o sadomasoquista é mais desenvolvido do que o psicopata (um tipo extremo do delinquente, mas que, mais do que esse, pode prescindir de objetos para dirigir seus desejos de destruição) e o manipulador; o objeto especificado (mas imaginário) do preconceito serve às projeções do sadomasoquista, ao passo que para a agressividade anobjetal do psicopata e manipulador não é necessário delimitar um objeto: qualquer um serve, desde que não resista suficientemente, o que constitui o *bullying*. Todavia, nenhum desses tipos de personalidade se relacionam com os alvos e observadores do *bullying* (Crochick, 2015).

Na sequência de tais considerações, que fundamentam o referido estudo, estão estabelecidos os objetivos e as hipóteses da pesquisa em referência:

- 1- Verificar se tipos de personalidade se diferenciam quanto à forma de violência escolar, com a hipótese de que há maior relação do sadomasoquismo com o preconceito e dos tipos psicopata e manipulador com o *bullying*.
- 2- Verificar se há relação entre os tipos de personalidade – sadomasoquistas ou psicopatas/manipuladores – com o alvo do *bullying*, com a hipótese de que não há essa relação.

3- Verificar se tipos de personalidade – sadomasoquistas ou psicopatas/manipuladores – se diferenciam em relação à obediência à autoridade escolar, com a hipótese que os primeiros estão mais associados com a defesa da autoridade e os últimos com sua negação.

A seguir, cabe direcionar a atenção para o método (sujeitos, instrumentos de pesquisa e resultados) da referida pesquisa.

MÉTODO

Este estudo configura pesquisa empírica realizada em três escolas particulares de Campo Grande (MS). Resguardados os devidos cuidados éticos por parte dos pesquisadores – Protocolo de Pesquisa Nº 066/2011 do CEP/PUC-SP –, participaram do estudo 172 alunos do nono ano do ensino fundamental: 87 do sexo feminino (50,6%) e 85 do sexo masculino (49,4%). A média de idade desses alunos foi de 13,79 anos, com desvio padrão de 0,56. Foram aplicadas as seguintes escalas aos participantes: a Escala do Fascismo, a Escala de Autonomia frente à Autoridade Escolar, a Escala de Manifestação de Preconceito, a Escala de Autoindicação de *Bullying*, que serão descritas a seguir.

Escala do Fascismo (Escala F)

Foi utilizada a Escala do Fascismo, última forma (40-45), elaborada por Adorno e col. (1950), com 27 itens, e adaptada para estudantes brasileiros de nono ano do Ensino Fundamental. A tradução e adaptação foi apresentada em outros estudos

(Crochík, 2005; 2021). São itens do tipo *Likert*, com seis alternativas de respostas, e indicam a discordância ou a concordância com a afirmação que cada item contém.

Essa Escala foi dividida em duas, seguindo a consideração que os autores dão às dimensões que a compõem: as três primeiras dimensões – agressão autoritária, submissão autoritária e convencionalismo – corresponderiam ao sadomasoquismo; as outras seis dimensões corresponderiam a uma constituição psíquica mais frágil, que, conforme Adorno (2019) descreve, seria mais propícia aos psicopatas e manipuladores. Como havia itens que avaliavam as duas configurações psíquicas, foram utilizados somente os que não se repetiram.

Para a primeira subescala, nomeada de “FSadoMasoquismo”, obteve-se um Alfa de *Cronbach* de 0,51; já para a segunda subescala, intitulada “FFrágil”, o Alfa de *Cronbach* foi de 0,59, conforme o Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Escala F: Itens das Subescalas FSadoMasoquismo e FFrágil

Itens FSadoMasoquismo
A obediência e o respeito à autoridade são as principais virtudes que devemos ensinar às nossas crianças.
O indivíduo de más maneiras, maus costumes e má educação não pode fazer amizades com pessoas decentes.
As piores pessoas são as que não sentem profundo amor, gratidão e respeito por seus pais.
Só por meio do sofrimento se aprendem as coisas verdadeiramente importantes.
Os jovens têm ideias rebeldes que, com os anos, abandonarão.
Se falássemos menos e trabalhássemos mais, todos estaríamos melhor.
Nenhuma pessoa decente e saudável pensaria em ofender um amigo ou parente próximo.
A maioria de nossos problemas sociais estaria resolvida se pudéssemos nos livrar das pessoas imorais, dos marginais e das pessoas com deficiência intelectual.
Itens FFrágil
Algum dia se provará que a astrologia pode explicar muitas coisas.
As pessoas podem ser divididas em duas classes definidas: as fracas e as fortes.
O lazer agradável somente pode acontecer após o dever cumprido.
Hoje em dia, as pessoas invadem cada vez mais a vida dos outros.
Não devemos nos preocupar com problemas e sim nos voltarmos para coisas mais agradáveis.

A excessiva liberdade sexual dos antigos gregos e romanos era pouca em comparação com a existente hoje em nosso país.

A maioria das pessoas não imagina até que ponto a vida está dirigida por conspirações forjadas em lugares secretos.

Hoje em dia, em que tantas pessoas diferentes andam e se misturam por todos os lados, todos devem se proteger, com especial cuidado, contra o contágio de infecções e enfermidades.

Tal como é a natureza humana, sempre haverá guerras e conflitos.

Algumas pessoas nascem com necessidade de saltar de lugares altos.

Nada pode nos deter quando temos força de vontade.

As guerras e os conflitos sociais podem acabar algum dia por obra de um terremoto ou de uma inundação que destrua o mundo inteiro.

Fonte: Itens da Escala do Fascismo, de Adorno e col. (1950), adaptada para estudantes brasileiros de nono ano do Ensino Fundamental.

O escore foi obtido pela média das respostas aos itens dispostos no quadro acima – Quadro 1 –, com a variação de um a seis pontos a cada item. Quanto maior o escore, mais o participante tem traços sadomasoquistas, na primeira subescala, e apresenta um ego mais frágil, na segunda subescala; a mediana para a subescala FSadoMasoquismo foi 3,63 pontos e da subescala FFrágil 3,92 pontos. Por essas medianas pode-se verificar que os participantes apresentaram escores um pouco acima do ponto médio da Escala (3,5 pontos); e valores próximos nas duas subescalas.

Escala de Autonomia frente à Autoridade Escolar

Essa Escala foi criada por Crochick e Crochick (2017), com base em textos de Adorno (2000). A heteronomia foi avaliada em duas direções: adesão cega à autoridade e desprezo pela autoridade, de modo que há o entendimento de que ambos indicam uma ausência de relação reflexiva com a autoridade, que não contivesse nem o desprezo, nem a aceitação plena que desconsidera a experiência. É estruturada

como a Escala do Fascismo descrita anteriormente, com 10 itens, com alternativas de respostas de um a seis pontos.

Após a Análise Fatorial, com o método do Principal Componente e rotação *Varimax* ($KMO=0,605$; e $X^2=114,65$; 36 g. lib. $p<0,000$), restaram nove itens, distribuídos em três fatores, conforme a Tabela 1 apresentada a seguir.

Tabela 1 – Itens da Escala de Autonomia frente à Autoridade Escolar e respectivas Cargas Fatoriais

	Respeito à autoridade e punição	Negação da autoridade	Independência da autoridade
(1) Não preciso que me digam o que fazer.	0,08	<u>0,68</u>	0,26
(2) Todos são iguais, não é necessário haver autoridade.	-0,06	0,11	<u>0,57</u>
(3) O professor deve deixar os alunos resolverem sozinhos os seus desentendimentos.	-0,25	<u>0,68</u>	0,09
(4) Se o aluno não sabe que agiu errado, não deveria ser punido.	0,16	0,23	<u>0,63</u>
(5) O professor deve ser sempre obedecido.	<u>0,72</u>	-0,17	-0,06
(6) Qualquer infração das regras deve ser punida.	<u>0,52</u>	0,38	-0,47
(7) Ser bem avaliado pelo professor é mais importante do que aprender.	-0,27	<u>0,44</u>	-0,15
(8) Os professores devem ser sempre respeitados.	<u>0,79</u>	-0,18	-0,04
(9) O professor não deve punir o aluno indisciplinado.	-0,23	-0,13	<u>0,56</u>

Fonte: Elaborada pelos autores.

Segundo a Tabela 1, o primeiro fator, nomeado de “Respeito à autoridade e punição”, foi composto pelos itens 5, 6 e 8; apresentou um Alfa de *Cronbach* de 0,54. O segundo fator reuniu os itens 1, 3 e 7, e refere-se à “Negação da autoridade”; o Alfa de *Cronbach* obtido foi 0,37. O terceiro fator, nomeado de “Independência da autoridade”, foi composto pelos itens 2, 4 e 9, e obteve um Alfa de *Cronbach* de 0,26.

Pelas medianas calculadas para cada fator, pode-se observar que os participantes tiveram um escore alto no fator 1 (Md=5,0) e abaixo do ponto médio da Escala nos outros dois, com igual magnitude de mediana (Md=2,3), o que revelou terem os participantes uma maior obediência à autoridade do que negação e independência da autoridade escolar.

Escala de Manifestação de Preconceito

A Escala de Manifestação de Preconceito foi elaborada por Crochick e Crochick (2017) e envolveu oito classificações de alunos alvos de discriminação: com deficiência; com comportamento autista; com comportamento agressivo; com cor da pele distinta a do participante; aluno afeminado; aluna masculinizada; impopular; e mau aluno. Foram feitas sete perguntas, antes de apresentar esses alvos, às quais os participantes deveriam responder sim ou não: 1- Você conversaria no recreio com aluno(a)? 2- Você faria um trabalho com aluno(a)? 3- Você gostaria de convidar para sua casa um aluno(a)? 4- Você auxiliaria nas dificuldades escolares um aluno(a)? 5- Você seria amigo(a) de um aluno(a)? 6- Você acha que os alunos(as) com as características abaixo conseguem fazer amizades? 7- Você acha que alunos(as) com as características abaixo aprendem o que é ensinado?

A cada resposta “não” foi atribuído um ponto; assim, quanto maior o escore, maior a manifestação de preconceito. Para essa Escala também se efetuou uma Análise Fatorial, com o método dos Principais Componentes e rotação *Varimax* (KMO=0,663; $\chi^2=305,93$; 28 g. lib; $p<0,000$).

Os fatores e as cargas fatoriais estão na Tabela 2, apresentada na sequência.

Tabela 2 – Fatores e Cargas Fatoriais da Escala de Preconceito

	Fragilidade	Homossexualidade	Mau aluno
Aluno com deficiência	<u>0,77</u>	0,24	0,05
Aluno com comportamento autista	<u>0,79</u>	0,04	0,26
Aluno agressivo	0,01	0,05	<u>0,83</u>
Cor da pele distinta do participante	<u>0,53</u>	0,20	-0,02
Aluno afeminado	0,05	<u>0,91</u>	0,12
Aluna masculinizada	0,35	<u>0,80</u>	0,05
Aluno impopular	<u>0,69</u>	0,03	0,01
Mau aluno	0,13	0,09	<u>0,76</u>

Fonte: Elaborada pelos autores.

De acordo com a Tabela 2, alunos com deficiência, com comportamento autista, com cor da pele diferente a do participante e impopular compõem o fator nomeado de “Fragilidade”, que obteve um Alfa de *Cronbach* de 0,66; os alunos afeminados e as alunas masculinizadas fazem parte do fator “Homossexualidade”, que obteve um Alfa de *Cronbach* de 0,73; já os maus alunos e os considerados agressivos compõem o terceiro fator, “Mau aluno”, com um Alfa de 0,48.

O escore varia de zero a oito pontos, e as medianas do preconceito contra alvos frágeis e homossexualidade foram muito baixas, ambas de igual valor ($Md=0,5$), a mais alta é dirigida contra os maus alunos e alunos agressivos ($Md=3,0$).

Escala de Autoindicação de *Bullying*

Essa Escala foi elaborada com o objetivo de verificar a autoatribuição de *bullying* dos participantes, quanto a serem autores e/ou vítimas de agressão. Teve como base os trabalhos de Roth, Kanat-Maymon e Bibi (2010), Salmivalli, Kärnä e Poskiparta (2011) e Hein, Koka e Hagger (2015).

Os participantes responderam dois quadros, com vários modos de agressão: xingamento, ameaça de bater, bater, espalhar boatos, excluir/rejeitar, dar apelidos ofensivos, estragar material ou roupa, pegar material ou dinheiro sem consentimento; acariciar sem permissão. Um desses quadros avaliou agressões contra colegas e o outro, as violências sofridas. Para a confirmação da prática do *bullying*, praticado e/ou sofrido, foram apresentadas, após cada um desses quadros, duas questões: 1- os atos de agressão foram praticados/sofridos em grupo ou por alguém mais forte? e 2- foram frequentes ao longo dos últimos três meses e se referiam sempre ao mesmo alvo? Com a resposta afirmativa a essas questões, constatou-se a autoria e/ou o alvo do *bullying*.

RESULTADOS

No que se refere ao objetivo 1- verificar se tipos de personalidade se relacionam quanto a formas de violência escolar: sadomasoquistas com preconceito; fragilidade do “eu” (psicopatas e manipuladores) com *bullying*, foram calculadas correlações de *Spearman* entre as subescalas que avaliaram os tipos de personalidade e a que mensurou o preconceito, e comparou-se esses tipos de personalidade com a prática ou não do *bullying* e com o ser ou não alvo do *bullying* por meio da Prova U de *Mann-Whitney*. O nível de significância adotado foi 0,05.

Na Tabela 3 estão as correlações de *Spearman* entre os tipos de personalidade e os preconceitos avaliados.

Tabela 3 – Correlação entre os tipos de personalidade – sadomasoquista, “eu” frágil – e os fatores da Escala P (Preconceito): fragilidade,

homossexualidade e maus alunos

Fatores	FSadoMasoquismo	FFrágil
Fragilidade	0,05	0,02
Homossexualidade	0,02	0,06
Maus alunos	0,20**	0,05

Fonte: Elaborada pelos autores.

Segundo os dados da Tabela 3, os alunos com escores mais elevados em sadomasoquismo tendem a ter mais atitudes preconceituosas contra os maus alunos e os que têm comportamento agressivo; os que possuem egos mais frágeis não apresentam relações com os três tipos de preconceito.

Conforme já observado nas discussões realizadas na introdução deste trabalho, a atitude preconceituosa contra os maus alunos e os que têm comportamento agressivo encontra explicação no que evidencia Adorno (2019) sobre a necessidade interna do autoritário, que tende a direcionar seus componentes sadomasoquistas contra *outgroups*. Ao se sentir sobrecarregado, incapaz de lidar com seus impulsos reprimidos, obrigado a assumir valores convencionais, tende a rejeitar e punir os que infringem tais valores.

A Tabela 4 contém dados sobre a prática ou não de *bullying* relativos aos tipos de personalidade avaliados.

Tabela 4 – Comparação entre os grupos que praticam e não praticam *bullying* em relação aos tipos de personalidade sadomasoquista e “eu” frágil

	<i>Bullying</i> (pratica/não pratica)	N	Posto Médio
FSadoMasoquismo	Não pratica	158	87,07
	Pratica	14	80,04
FFrágil	Não pratica	158	83,46
	Pratica	14	120,82

Fonte: Elaborada pelos autores.

Conforme pode-se observar pela Tabela 4, 14 alunos declararam que praticam o *bullying*, e o Posto Médio, obtido por meio da Prova U de *Mann-Whitney*, indica quase não haver distinção entre quem pratica e não pratica o *bullying*, quanto aos escores do sadomasoquismo, e que o Posto Médio entre aqueles que apresentam maiores escores de FFrágil é maior para os praticantes do *bullying*. De fato, o cálculo da Prova U de *Mann-Whitney* revelou que não houve diferenças significantes entre a prática ou não do *bullying* quanto aos escores obtidos na subescala do sadomasoquismo ($Z=0,51$; $p>0,05$), mas que houve essa diferença em relação aos que apresentam um ego mais frágil ($Z=2,69$; $p<0,01$). Portanto, a prática do *bullying* aproxima-se do ego mais frágil em vez de componentes sadomasoquistas, o que ratifica as afirmações de Adorno (2019) sobre os tipos psicopata e manipulador.

Na Tabela 5 estão os dados referentes a ser ou não alvo do *bullying* na comparação com os tipos de personalidade aferidos.

Tabela 5 – Comparação entre os tipos de personalidade sadomasoquista e “eu” frágil entre os grupos que se consideram vítimas e os que não se consideram vítimas de *bullying*

	<i>Bullying</i> (sofre/não sofre)	N	Posto Médio
FSadoMasoquismo	Não sofre	139	86,94
	Sofre	33	84,67
FFrágil	Não sofre	139	84,93
	Sofre	33	93,11

Fonte: Elaborada pelos autores.

Por meio da Prova U de *Mann-Whitney*, constatou-se não haver diferenças significantes entre aqueles que sofrem e aqueles que não sofrem o *bullying* tanto para os considerados sadomasoquistas ($Z=0,24$; $p>0,05$) quanto para os considerados como tendo um ego frágil ($Z=0,85$; $p>0,05$).

Ao se considerar os resultados apresentados nas Tabelas 3 e 4, pode-se mencionar que a primeira hipótese foi, ao menos parcialmente, confirmada: o tipo de personalidade sadomasoquista tem relação com uma das manifestações de preconceito avaliadas, mas não tem com a prática do *bullying*; os tipos de ego mais frágil – psicopatas e manipuladores – têm relação com o *bullying*, mas não com o preconceito.

Também pode-se concluir que não há distinção entre as vítimas do *bullying* e tipos de personalidade, isto é, não há nada em especial para alguém ser alvo do *bullying*, ao contrário do que ocorre com o preconceito, o que ratifica os estudos de Crochick e Crochick (2017).

Quanto ao objetivo de verificar se tipos de personalidade se diferenciam em relação à obediência à autoridade escolar, houve duas correlações significantes, conforme a Tabela 6.

Tabela 6 – Correlações de *Spearman* entre os tipos de personalidade sadomasoquista e “eu” frágil com os fatores de autonomia (respeito à autoridade e punição; negação da autoridade; e independência da autoridade)

Fatores	FSadoMasoquismo	FFrágil
Respeito e punição	0,23**	0,14
Negação da autoridade	0,12	0,25**
Independência da autoridade	-0,11	0,01

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os alunos que possuem os escores mais altos como sadomasoquistas são os que mais exibem respeito à autoridade e desejo de punição a quem infringe regras; já entre os que têm um ego mais frágil tendem a apresentar maior negação da autoridade escolar.

No processo de identificação do indivíduo com a figura de autoridade, pode ocorrer o não rompimento com essa figura e configurar a adesão de forma exagerada a ela, o que indicaria características do tipo autoritário e convencionalista-sadomasoquista. Por outro lado, ao não ser introjetada a figura de autoridade ou ao ser negada, acaba por categorizar o “eu” frágil, atitude impulsiva-regredida, sem qualquer capacidade de juízo e de reflexão, o que identifica o tipo manipulador-psicopata.

Ao se relacionar o resultado referente ao sadomasoquismo com o da Tabela 3, que diz respeito aos maiores escores na medida do sadomasoquismo em relação ao preconceito contra os maus alunos e os que têm comportamentos agressivos, pode-se supor que há algo de violento na exigência do cumprimento de regras, conforme estudos de Adorno (2019). Na relação entre o resultado da Tabela 4 e o da Tabela 6 no que diz respeito à fragilidade do “eu”, fica identificada a relação entre o *bullying* e a negação da autoridade, indicando atitudes regressivas e conseqüentemente violentas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência presente na sociedade manifesta-se de diferentes maneiras. Realizar estudos sobre esse grave problema contribui para o seu desvelamento e, por conseguinte, para se pensar as formas de combatê-la. Os objetivos deste estudo, ao se voltarem para questões afeitas aos tipos de personalidade – sadomasoquista e manipuladora/psicopata – e características pertinentes a atitudes de preconceito e do *bullying*, e, também, em relação à obediência a figuras de autoridade, inclusive a dos professores, contribuem para reflexões sobre a formação do indivíduo.

Cabe pensar se há motivo para qualquer que seja a atitude de violência. Pois, as atitudes das pessoas consideradas preconceituosas – baseadas em processos psicossociais e em estereótipos – têm como característica a discriminação voltada a um objeto delimitado. Por seu lado, a característica do *bullying* configura-se pela necessidade de subjugar o outro e sem um “motivo” qualquer que o justifique. Assim sendo, os praticantes do *bullying* evidenciam egos mais fragilizados pelo fato de que simplesmente recorrem à agressão, à violência, sem precisar justificá-la.

Se comumente o agressor apresenta conflitos psicossociais e as expressões recorrentes de suas estruturas ou suas particularidades não podem ser ignoradas, o agravante no agressor consiste na concretização de uma atitude autoritária. Todavia, por trás do componente autoritário esconde-se o indivíduo que negligenciou sua capacidade de pensar, sua autonomia e, com isso, torna-se propício a ter atitudes irracionais em diversos ambientes, incluindo a escola, pois se encontra desprovido da capacidade de se identificar com o outro, algo que propiciaria não somente sua diferenciação, como também o combate às atitudes preconceituosas. Ao contrariar o que se espera dela, mas sem perder a esperança de ser modificada, a escola se organiza de tal modo a aliar-se à ciência-técnica e, assim, não somente propicia com que o autoritarismo e a hierarquia passem a ser um fim, como também tende a reproduzir no seu ambiente a violência presente na sociedade mediante um amplo mecanismo de domínio técnico-burocrático.

Pode-se dizer, portanto, que este estudo contribui para a crítica da cultura frente ao desdobramento da razão e da instrumentalização da consciência. Se, por um lado, a humanidade alcançou avanços científicos e tecnológicos, em contrapartida, isso acarretou a instrumentalização absoluta na pseudoformação e dificultou a emancipação do indivíduo. Mas a educação, que visa o esclarecimento, consiste, sem dúvida, um importante meio no processo de formação político-social do indivíduo, pois

propicia elementos para que o pensamento, com conteúdo, seja provido de elementos críticos.

Conforme os resultados dos questionários aplicados aos 172 alunos, observou-se que os participantes da pesquisa tiveram uma maior obediência ou submissão à autoridade e desejo de punição a quem infringe regras do que negação e independência da autoridade escolar. Isso denota escores mais elevados de sadomasoquismo e, com isso, a disposição de terem mais atitudes preconceituosas contra os maus alunos e os que têm comportamento agressivo, o que corrobora a terceira das hipóteses levantadas.

Os resultados indicaram que a primeira hipótese foi corroborada: enquanto o preconceito aproxima-se mais do tipo autoritário, o *bullying* aproxima-se mais do tipo manipulador/psicopata, mais regredido psicicamente, e apresenta maior negação da autoridade.

Também se verificou que não houve relação entre ser vítima do *bullying* e tipos de personalidade, isto é, enquanto as atitudes preconceituosas demandam que exista algo em especial para alguém ser vítima, no *bullying* isso não acontece, o que confirma a segunda hipótese da pesquisa.

Ficou evidente, portanto, que a sociedade prima pela tipificação dos indivíduos. À medida que os traços estereotipados – expressões singulares dos sujeitos – ganham visibilidade, propicia meios de antever que o caminho para o combate ao preconceito e ao *bullying* não pode prescindir do conhecimento, da reflexão e da experiência em meio ao ajustamento exacerbado dos indivíduos na sociedade. É fato que a sociedade demanda tipos de configurações psíquicas para a reprodução do *status quo*, de modo que, se o tipo autoritário tem medo de demonstrar fraqueza e experiencia conflitos entre instâncias psíquicas, no tipo manipulador estão presentes componentes narcisistas e compulsivos de personalidade. Assim, o combate da

prática do *bullying* e das atitudes preconceituosas não pode prescindir da introspecção, da identificação com o outro, caso contrário, a infantilização, a agressividade, o desmesurado cumprimento de regras, passam a preponderar nas relações sociais e abrem caminho para a violência em suas diferentes formas. Associado a isso, deve-se avaliar o peso da organização socioeconômica vigente – capitalista – e suas contradições, determinadas por estratégias de valorização da violência, e até mesmo por permitir a existência de genocídios industrializados e de guerras, que têm feito parte da sociedade. Nesse sentido, a comunidade escolar, em geral, deveria procurar realizar ações coletivas com vistas a estimular relações espontâneas entre as pessoas e instigar à necessidade de se formalizar pesquisas, estudos, que possam contribuir com o combate contra o predatório processo de violência que tem tomado conta da vida das pessoas na sociedade.

Como *bullying* e preconceito estão associados com necessidades psíquicas distintas, os modos de enfrentá-los também devem ser diferenciados. A educação inclusiva pode ser uma forma importante para o enfrentamento ao preconceito, pois permite a convivência com alunos diversos, e, se nem sempre, a experiência diminui a discriminação, em condições adequadas de convivência pacífica e não competição pode atenuá-la, é o que mostra o estudo de Crochík e col. (2013): quanto maior o grau de inclusão escolar, menos os preconceitos devem ter lugar, embora essa relação não seja plena.

Em relação ao *bullying*, se seus praticantes puderem ter uma boa incorporação da cultura, por meio do que a escola lhes transmite, talvez possam prescindir da violência contra alguns de seus colegas; Crochick e Crochick (2017) indicaram que quem se destaca nas disciplinas ministradas em sala de aula tende a não se envolver no *bullying*, quer como autores ou como alvos.

Em síntese, se a educação escolar conseguir incluir todos os estudantes quer considerando suas diferenças, quer inserindo-os na cultura, mediante o que é ensinado, pode-se, se não eliminar, ao menos diminuir essas formas de agressão.

Por fim, cabe destacar os limites da pesquisa relatada: os instrumentos precisariam ter indicadores psicométricos mais adequados e a amostra, em futuros estudos, poderia ser representativa da população e abranger não somente escolas privadas, mas também as públicas. Esses limites não retiram a importância dos resultados obtidos, mas indicam a necessidade da cautela para sua generalização.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Wiesengrund. A psicanálise revisada. *In*: ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Unesp, 2015a, p. 43-69.

ADORNO, Theodor Wiesengrund. **As estrelas descem à Terra**: a coluna de astrologia do Los Angeles Times, um estudo sobre a superstição secundária. São Paulo: Unesp, 2008.

ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Unesp, 2019.

ADORNO, Theodor Wiesengrund; FRENKEL-BRUNSWIK, Else; LEVINSON, Daniel; SANFORD, Nevitt. **The authoritarian personality**. New York: Harper & Row, 1950.

ADORNO, Theodor Wiesengrund. Sobre a relação entre a sociologia e a psicologia. *In*: ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Unesp, 2015b, p. 71-136.

CHAVES, Denise Raissa Lobato; SOUZA, Maurício Rodrigues de. *Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie*. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, 2018, p. 1-17. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230019>. Acesso: 11 abr. 2021.

COSTA, Virginia Helena Ferreira da. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Unesp, 2019, p. 13-28.

CROCHICK, José Leon; CROCHICK, Nicole. **Bullying, preconceito e desempenho escolar: uma nova perspectiva**. São Paulo: Benjamin Editorial, 2017.

CROCHICK, José Leon. Preconceito e *bullying*: marcas da regressão psíquica socialmente induzida. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 30, 2019, p. 1-11. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190006>. Acesso em: 10 maio 2021.

CROCHICK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e cultura**. 4. ed. São Paulo: Benjamin Editorial, 2023.

CROCHÍK, José Leon. Formas de violência escolar: preconceito e *bullying*. **Movimento: Revista de Educação**, Niterói, ano 2, n. 3, 2015, p. 29-56. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32559/18694>. Acesso em: 23 jun. 2021.

CROCHÍK, José Leon; KOHATSU, Lineu Norio; DIAS, Marian Ávila de Lima e; FRELLER, Cintia Copit; CASCO, Ricardo. **Inclusão e discriminação na educação escolar**. Campinas: Editora Alínea, 2013.

CROCHÍK, José Leon. Manifestações de preconceito em relação às etnias e aos deficientes. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, LIII, v. 53, n. 118, p. 89-108, 2004.

CROCHÍK, José Leon. Personalidades autoritárias e preconceitos: relações. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 39, n. 107, 2021, p. 1181-1198. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/27479/pdf>. Acesso em: 15 set. 2024.

CROCHÍK, José Leon. Preconceito: relações com a ideologia e com a personalidade. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 22, n. 3, 2005, p. 309-319. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/6760/4389>. Acesso em: 10 maio 2021.

FANTE, Cleodelice Aparecida Zonato. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

HEIN, Vello; KOKA, Andre; HAGGER, Martin. Relationships between perceived teachers' controlling behaviour, psychological need thwarting, anger and bullying behaviour in high-school students. **Journal of Adolescence**, v. 42, n. 1, 2015, p. 103-114. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2015.04.003>. Acesso em: 11 abr. 2021.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

HORKHEIMER, Max.; ADORNO, Theodor Wiesengrund. Preconceito. In: HORKHEIMER, Max.; ADORNO, Theodor Wiesengrund. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Cultrix; USP, 1973, p. 172-183.

KRECH, David; CRUTCHFIELD, Richard; BALLACHEY, Egerton. **O indivíduo na sociedade**: um manual de psicologia social. São Paulo: Pioneira, 1975.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Cidade do Porto: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2008.

ROTH, Guy; KANAT-MAYMON, Yaniv; BIBI, Uri. Prevention of school bullying: The important role of autonomy-supportive teaching and internalization of pro-social values. **British Journal of Educational Psychology**, v. 81, n. 4, 2010, p. 654-666. Disponível em: <https://doi.org/10.1348/2044-8279.002003>. Acesso: 11 abr. 2021.

SALMIVALLI, Christina; KÄRNÄ, Antti; POSKIPARTA, Elisa. Counteracting bullying in Finland: The KiVa program and its effects on different forms of being bullied. **International Journal of Behavioral Development**, v. 35, n. 5, 2011, p. 405-411. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0165025411407457>. Acesso: 11 abr. 2021.



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14592369>

e-ISSN: 2177-8183

SILVA, Pedro Fernando. Psicologia social de Adorno: resistência à violência do mundo administrado. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 1, 2015, p. 35-46.
Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n1p035>. Acesso em: 23 jun. 2021.